

PERFORMANCE CORPORAL MUSICAL SONORA: UM BREVE RELATO AUTO ETNOGRÁFICO DE UMA SURDA UNILATERAL

YARANA BORGES¹; RAFAEL NOLETO²

¹Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) - yaranaester@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – rafael.noleto@edu.com.br

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho é um recorte do primeiro capítulo de minha dissertação de mestrado onde trago uma análise autoetnográfica de minhas experiências como pessoa deficiente e estudante de nível superior em Música e Antropologia. Como parte de uma pesquisa de Mestrado em Antropologia em andamento, este trabalho pressupõe que o instrumental teórico-metodológico da Antropologia é fundamental para nos permitir compreender as diferentes experiências relacionadas ao tema das relações de pessoas com deficiência na música, entendendo que a deficiência é um marcador social da diferença interseccionalmente relacionado à gênero, raça, sexualidade e classe social.

No trabalho estão presentes os seguintes estudiosos GOFFMAN (1995), MUNIZ (2017), SILVA (2006), BENEDICT (2013), MAUSS (1974), LÉVI-STRAUSS (1982), DINIZ (2007), o pensamento desses autores e dessas autoras, estão atrelados às significâncias do papel antropológico, para se analisar como se dá o fazer social musical através de experiências corporais, aqui neste caso, retratando a minha história com a música a partir da minha relação com a deficiência auditiva unilateral.

2. METODOLOGIA

Este trabalho foi realizado a partir das minhas reflexões que surgiram enquanto eu realizava a pesquisa de mestrado. Durante a minha graduação no curso de Música - Bacharelado em Canto na Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), sempre realizei registros nos meus diários de campo. Eram anotações que eu ia fazendo conforme o avanço dos meus estudos. Sempre fiz uso da escrita como modo de ter registros e conseguir a partir dali organizar o meu processo vocal. Eu possuo uma limitação no pavilhão direito auditivo, não tenho toda a parte do ouvido médio (martelo, bigorna e estribo - eles têm a função de converter mecanicamente as vibrações do tímpano e conduzir a orelha interna), tenho alterações estéticas na orelha externa direita e também o fechamento do conduto auditivo (estabelece a comunicação dos sons exteriores e o ouvido médio).

Erving Goffman (1995), um dos antropólogos norte americanos mais influentes do século XX, relata sobre as interações sociais, para o autor nós acabamos assumindo determinados papéis, e acabamos filtrando como nos apresentamos para as pessoas, no que revelamos ou não para os indivíduos. Assim, eu nas minhas interações sociais, procuro filtrar para quais as pessoas que conto sobre minha deficiência auditiva, para evitar os pré conceitos.

Esta pesquisa visa debater as relações e atravessamentos entre as temáticas do corpo e deficiência aplicadas ao campo da música. O objetivo principal é dar visibilidade às práticas musicais de corpos dissidentes, corpos com

deficiência, sobre quais são suas percepções corporais. E nesse recorte trago a minha autoetnografia.

Para fins deste trabalho usarei a noção de dissidência corporal, para retratar a análise etnográfica do meu corpo. Entendo como dissidência todo aquele corpo que possui alguma diferença corporal e/ou mental. De acordo com o dicionário Priberam online¹, dissidente é aquele que diverge de algo, que é não conforme. Aqui no caso, é aquele corpo que não está conforme as normas dos padrões estabelecidos pelo pensamento hegemônico (MUNIZ, 2017, p. 11), que diminui e coloca às suas margens tudo aquilo que foge do que seria um corpo “normal” e “perfeito”. Abordando as questões da diferença e seus sentidos, conforme Silva (2006, p.113-114) que conceitua, “as diferenças são definidas nos parâmetros da sociedade, visto que não existe diferença sem um grupo social já formado, que é o que lhe dá sentido. É o grupo que coletivamente conceitualiza uma diferença, que lhe dá importância e valor”. Logo, todo corpo que possui alguma diferença é passível de que algo tenha que ser adaptado para esse corpo, ou não necessariamente. O papel da antropologia é fundamental, pois, dentro da sociedade, com seus instrumentos, permite abranger a captação e a compreensão das diferentes realidades relacionadas ao tema música e deficiência. A seguir, trago alguns teóricos da Antropologia que me ajudaram a entender a minha experiência corporal deficiente. Ruth Benedict (1887-1948), Marcel Mauss (1872-1950), Lévi-Strauss (1908-2009).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO - Relatos de minha formação: Pelo menos você tem o outro lado em perfeito estado.

A seguir veremos o que os teóricos/as têm para nos apresentar sobre cultura e indivíduo, questões que nos auxiliam no entendimento sobre corporeidade. Mauss (1974), se manifesta sobre as técnicas corporais, o autor evidencia que entende-se por técnica corporal, a maneira como os seres humanos, nas sociedades de diferentes épocas e de maneira tradicional, “sabem servir-se de seus corpos” (MAUSS, 1974, p. 211).

Segundo Mauss (1974), o corpo é o primeiro e o mais natural instrumento do ser humano, é um objeto técnico, antes mesmo de praticar a técnica com os instrumentos, há uma inteligência natural da própria técnica corporal. Bem como, Ruth Benedict (2013) fala sobre o papel da sociedade e do indivíduo, onde ela nos diz que “os povos justificam os traços que sabem possuir”, com isso, veremos os processos intuitivos e a estrutura de estudos que busquei para realização das performances musicais.

Lévi-Strauss (1982), dá ênfase no que nos assemelha quanto humanos, o inconsciente lógico, em como opera a razão humana, independente das particularidades culturais. Essa relação entre sensível e inteligível, é a relação do que o meu corpo realiza intuitivamente ao cantar, junto com o que é apreendido tecnicamente através de referências teóricas.

Isto significa que todo o conjunto de aprendizados externos auxiliam para que, em meu caso, eu tenha uma compreensão intuitiva, pois o corpo trabalha com adaptações de maneira a ajustar aquilo que ele está aprendendo ou estudando.

¹ Dicionário Priberam. Ver sítio: <https://dicionario.priberam.org/dissidente>. Acesso em 10 de setembro de 2023.

A deficiência é um marcador social, e dependendo de como ela é utilizada, também passa a ser uma forma de opressão. Conforme, Diniz (2007, p. 9), “deficiência é um conceito complexo que reconhece o corpo com lesão, mas que também denuncia a estrutura social que oprime a pessoa deficiente”. Nesse percurso, ninguém supera uma deficiência, apenas se adapta a ela da melhor forma possível. Enfim, o que é deficiência? Conforme Diniz (2007, p.10), no princípio, deficiência era vista como uma característica individual na interação social e os termos adotados eram “deficiente” e “pessoa com deficiência”. Atualmente, o movimento de pessoas com deficiência se identifica com o termo deficiente, justamente por se tratar de estudos sobre cultura e identidade. No Brasil, apesar de uma forte interferência do conhecimento médico, o que para Diniz (2007, p.11), isto pode significar que está relacionada com tragédia individual e não como questão de justiça social. A antropologia entra nessa discussão para que o assunto sobre deficiência não gire apenas em torno da medicina, mas também sobre o que estou retratando aqui, sobre a sociedade e cultura. Demonstrando que as situações devem ser vistas apesar da deficiência, observando o estilo de vida que é vivido e explorado.

Os músicos têm que ter algumas noções, e no canto é fundamental ter uma noção de afinação. Há também uma série de outras coisas que interferem no canto, como ressonância, percepção musical, extensão, tessitura e apoio vocal, etc. Isso faz com que eu lide o tempo inteiro, da minha experiência, com essa deficiência e que em outras áreas também se faz necessário lidar com isso também, até porque lido com isso na minha vida, no geral, mas na música isso ganha uma especificidade, porque a música trabalha basicamente com a audição. Mesmo sendo uma limitação, não me impede de fazer nada, mas no campo da música, embora não me impeça, a deficiência auditiva me coloca alguns desafios e me faz pensar a respeito desse aspecto. Então como a minha percepção sonora auditiva está relacionada não somente ao meu processamento auditivo e sim sinestésico, físico, corporal.

Consequentemente, devido a essa sensibilidade, por assim dizer sonora, o som se faz tão presente e necessário em minha vida, e não só na minha vida. Mas na vida de todos os seres humanos ouvintes. Os barulhos sonorizam o ambiente e, dependendo do meu grau de audição ou não, eu terei uma percepção com e no ambiente. Pela minha deficiência, não faço parte nem do mundo ouvinte e nem do mundo surdo, pois tenho deficiência auditiva unilateral. O fato de eu possuir uma deficiência auditiva unilateral borra essa fronteira.

Então essa questão auditiva me fez olhar para esse aspecto, e tive que lidar com isso em minha carreira como cantora. Segundo, Diniz (2007, p. 23) “para o modelo médico, lesão levava a deficiência; para o modelo social, sistemas sociais opressivos levavam pessoas com lesões a experimentarem a deficiência”.

Relaciono a minha deficiência com o que Diniz (2007) argumenta, pelo fato de que a pessoa tendo um certo tipo de deficiência, parece que é esperado pela sociedade um determinado tipo de postura, o que não é bem assim, pois, justamente, a partir da minha experiência não existe uma lei universal que diz que todo deficiente auditivo possui determinada característica.

Na carreira artística sempre optei por não falar sobre minha deficiência auditiva imediatamente, pois eu sabia que se as pessoas soubessem iriam me julgar, antes mesmo de me ver cantando. Então, esse silêncio para analisar e esperar o momento certo de falar, era uma opressão social que eu sofria.

Meu primeiro aprendizado musical, durante a infância, se iniciou com a dança, portanto a minha prática musical está relacionada ao corpo. Isso pelo fato

de que minha musicalização se deu de início através da dança, por isso que ao executar uma canção, o meu corpo necessita de uma maior expressão corporal e, também pelo fato de eu ser deficiente auditiva unilateral, uma coisa está atrelada a outra.

Um dos maiores desafios relacionados à minha audição na prática musical em sala de aula é de que tradicionalmente o piano sempre fica ao lado direito da/o cantora/or. Justo o lado que não tenho a referência sonora, então dependendo da intensidade e da dinâmica que era tocada a peça, o instrumento teria que ser tocado em um volume maior.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para fins deste trabalho foi apresentado o protagonismo de uma pessoa com deficiência auditiva unilateral, mostrando possibilidades de fazer musical que o corpo apresenta. Foi discorrido um breve relato de minha história relacionada a música. Fica a reflexão de quais são as possíveis estratégias de linguagens e acessibilidade musical para outros corpos dissidentes, que possamos trabalhar de maneira interdisciplinar, para que possamos pensar o coletivo e as outras possibilidades de outros corpos fazerem música. Assim, trabalhando o protagonismo das pessoas e da independência musical

5. REFERÊNCIAS:

BENEDICT, Ruth. A diversidade de culturas / O indivíduo e o padrão de cultura. In: Padrões de cultura. Petrópolis: Vozes, 2013. pp. 26-41 / 171-188.

CONNELL, Raewyn. **Gênero: uma perspectiva global**. Raewyn Connell, Rebecca Pearse; tradução e revisão técnica Marília Moschkovich. 3ª. São Paulo: Editora: nVersos, 2015.

DINIZ, D. O Que É Deficiência? São Paulo: Brasiliense, 2007.

GOFFMAN, Erving. A representação do eu na vida cotidiana, 1959 (tradução de Maria Célia Raposo). Petrópolis: Vozes, 1995.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Natureza e cultura / Endogamia e exogamia. In: As estruturas elementares do parentesco. Petrópolis: Vozes, 1982. pp. 41-49 / 82-91.

MUNIZ, Gustavo de Melo. Reflexões acerca da heteronormatividade. Monografia apresentada ao Departamento de Filosofia da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Filosofia. Orientador: Wanderson Flor do Nascimento. Brasília, 2017, p. 43.

SILVA, Luciene Maria da. A deficiência como expressão da diferença. Educação em Revista, n. 44, p. 111–133, dez. 2006.